



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**ORIENTADORA: Prof^ª.: Dra.: LEONICE APARECIDA DE FATIMA ALVES
PEREIRA MOURAD**

CLARIANE DA SILVA SOARES

**ANÁLISE COMPARATIVA DOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NA EJA
E NO REGULAR EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO NA
DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA.**

SANTA MARIA, DEZEMBRO DE 2015.

Clariane da Silva Soares

**ANÁLISE COMPARATIVA DOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NA EJA
E NO REGULAR EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO NA
DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª.: Dra.: Leonice Aparecida De Fatima Alves
Pereira Mourad.

Santa Maria

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, pela saúde que me proporcionou e proporciona para que alcance todos os dias os meus objetivos;

Aos meus pais, pelo carinho, colaboração e incentivo, que acreditaram e saíram junto comigo de Rosário do Sul, para que juntos construíssemos o sonho de cursar a Universidade Federal de Santa Maria;

Ao meu esposo, pelo olhar, pelo carinho, amor, atenção e principalmente pela dedicação e incentivo;

A minha Professora dos Estágios, doutora Leonice Mourad, que na metade do curso impediu que eu desistisse do mesmo, pela dupla jornada que eu enfrentava, trabalho diurno e o curso à noite, pelo seu olhar atento na busca de uma acadêmica que se via perdida ou quase desesperada em largar o curso, tendo esse carinho atencioso comigo, demonstrou para mim e serve de exemplo para eu seguir a profissão de professora, não há palavras que eu possa expressar pela imensa gratidão, um anjo a me proteger;

Aos meus familiares e amigos especialmente Adriana Dias, que também acreditaram e me incentivaram durante o período de graduação e compreensão pelas minhas ausências;

Aos meus colegas de curso, que participaram e somaram juntos;

Aos professores, pelos ensinamentos e dedicação, levarei comigo todos com uma enorme gratidão;

Ao Governo Federal pela oportunidade e possibilidade de cursar este curso na Universidade Federal de Santa Maria do Rio Grande do Sul;

Enfim, a todos que, de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho muito obrigada;

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar os livros didáticos de Sociologia que estão sendo apresentados e trabalhados com alunos do Ensino Médio (regular) e aos alunos da EJA (Educação de Jovens e adultos), em uma escola da rede pública estadual. De forma alguma se faz aqui um juízo com relação à escola, nem mesmo aos professores e demais responsáveis que ministram ou tem algum tipo de envolvimento com a escola da rede pública, mas sim buscar a compreensão do que é realmente abordado nos livros, bem como uma breve discussão de que forma os professores atuam, manuseiam estes materiais cedidos pelo Estado e apresentar um capítulo para uma possível comparação de atividade proposta aos alunos.

Palavras-chave: livros didáticos, sociologia, atividade;

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA Educação de Jovens e Adultos

EM Ensino Médio

ES Ensino Superior

LDB Lei de Diretrizes e Bases

LDBEN Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

INTRODUÇÃO

Sobre a autora

Minha ligação acadêmica no Ensino Superior começou em Março de 2012, na Universidade Federal de Santa Maria, no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, onde fui conhecendo o curso através das disciplinas ministradas por diversos professores, inicialmente tinha como preferência o ensino da Política que o curso propõe aos acadêmicos, então obtive o conhecimento da Sociologia onde percebi o quanto é valioso para o curso, que para mim a Sociologia é o ponto central do curso e o ensino da Antropologia, esta juntamente com as linhas da educação me encantou.

Primeiramente é importante ressaltar a história do ensino da Sociologia na educação brasileira, de modo geral no Ensino Médio. A Sociologia no Brasil nasceu na Europa, mas ela desenvolveu-se tardia aqui no Brasil, embora os estudantes brasileiros já tivessem conhecido a Sociologia. Vários pensadores advindos da Europa e Estados Unidos que vieram para cá, seja para ministrar cursos ou até mesmo ministrar aulas, contribuíram para a constituição e crescimento da Sociologia no Brasil. Então a Sociologia cresce e surgem os primeiros cientistas sociais brasileiros. Porém é muito vaga a presença ao ensino da Sociologia específico ao Ensino Médio, embora no início do século XX houve alguns obstáculos que impedissem a presença da Sociologia em sala de aula no nível Médio, o que indica que ela esteve brevemente na sala de aula. A LDB / 9394/96, a partir da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), houve uma discussão de recolocar a Sociologia no ensino Médio tornando-a obrigatória na rede de ensino, assim como a de Filosofia, que foram aprovadas em 07/07/2006 pelo CNE e homologada em 11/08/2006 Ministro da Educação, Fernando Haddad. No século XIX, houve o surgimento e consolidação da sociedade capitalista na Europa, assim aconteceu o surgimento da sociologia como ciência independente. E o início do ensino da Sociologia na escola secundária brasileira – ensino médio, data da década de 20 do século XX. Mas a Sociologia era limitada a algumas escolas e também não era em todos os momentos que havia o ensino da mesma, pois houve um período que a disciplina de Sociologia sofreu um período de sua proibição e / ou substituição por outras disciplinas. Há uma submissão às ideias europeias que a sociedade brasileira está associada. O Brasil colonial era dependente da Europa, particularmente de Portugal, então trata-se de relações coloniais. Não é somente o Brasil, mas toda a América Latina como um todo obedece a esta relação de dominação. Abordando a Sociologia numa época mais

recente, conforme observa Florestan Fernandes (1980), ele considera que a Sociologia, bem como os demais complexos culturais, pode ser analisada como um fenômeno histórico-social, podendo haver um duplo condicionamento. De um lado, a explicação sociológica pressupõe certa intensidade e coordenação dos efeitos produzidos por processos sociais; de outro, a pesquisa e o ensino da Sociologia exigem um complexo suporte institucional e estrutural, desenvolvido a partir da Europa e dos Estados Unidos e que está relacionado ao desenvolvimento da sociedade capitalista. A Sociologia, no Brasil, foi recebida como novidade logo após sua criação na Europa. Pessoas que tinham acesso ao mundo literário da época rapidamente também tiveram acesso a tal produção intelectual. Mesmo sendo logo conhecida, não significa que houve uma reelaboração autônoma dessa novidade por aqui, antes, tratava-se apenas de se conseguir notoriedade em círculos letrados. A sociologia aparece nos escritos brasileiros quase que simultaneamente à divulgação da obra de Augusto Comte e de outros pioneiros do pensamento sociológico. Somente nos últimos anos a sociologia vem sendo tratada, no Brasil, com padrões semelhantes aos da Europa de meados do século XIX. A sociologia no Brasil do séc. XIX encontrou alguns obstáculos culturais. Uma sociedade escravocrata e senhorial trazia dificuldades à Sociologia como explicação científica das situações sociais de existência. A ordem patrimonialista contrastava com a livre exploração do pensamento racional. A atividade intelectual ficava sufocada dentro de um cosmos moral fechado, conservador e de interesses espirituais limitados. Por outro lado, havia também resistências culturais às explicações científicas do mundo. As explicações racionais, como a sociológica, encontravam resistências em uma sociedade que explicava tudo pelas tradições, pelos valores religiosos conservadores. A explicação do mundo pela razão poderia até encontrar ressonâncias em alguns círculos restritos, como discussão ou ilustração, entretanto, não como crítica sistemática de uma sociedade que explicava tudo pelos valores morais e a todo custo queria manter a ordem senhorial, escravocrata e patrimonialista. Tanto o padre como o bacharel repulsavam as explicações sociológicas porque estas contrastavam com as explicações advindas da Igreja Católica, que explicava o mundo pela teologia, logo, as explicações sociológicas eram vistas como materialistas ímpias e dissolventes.

A nossa atenção desloca-se agora ao livro 4 dos PCNEM : “Ciências Humanas e suas tecnologias”, pois é nele que se faz referência direta quanto à presença da Filosofia e da Sociologia no Ensino Médio. É aqui que se expõe “o sentido do aprendizado na

área”, suas “competências e habilidades” e principalmente os conhecimentos de Filosofia e Sociologia no ensino médio, com competências e habilidades específicas. Os PCNEM já levam em conta as disposições do Parecer nº 15, que integram a resolução nº 3/98 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Na parte - *o sentido do aprendizado na área de ensino* - são exibidas as razões que justificam essa retomada de atualização da “educação humanista” no nível médio de ensino. As “humanidades” e sua importância na formação do indivíduo é lembrada, sobretudo, 60 quando essa área foi banida dos currículos nos momentos de autoritarismo como sendo disseminadora de ideias subversivas. Uma educação de cunho tecnicista considera inútil a área de Ciências Humanas. Porém,

o momento, hoje, é o de se estruturar um currículo em que o estudo das ciências e o das humanidades sejam complementares e não excludentes. Busca-se, com isso, uma síntese entre humanismo, ciência e tecnologia, que implique a superação do paradigma positivista, referindo-se à ciência, à cultura e à história. Destituído de neutralidade diante da cultura, o discurso científico revela-se enquanto representação sobre o real, sem se confundir com ele (BRASIL, SEMTEC, 1999b, p.19).

As reflexões gerais acerca da área de Ciências Humanas e suas tecnologias valem para todas as disciplinas da área, portanto, também para a Sociologia. Os PCNEM colocam *conhecimentos de sociologia, antropologia e política*. Logo, não se referem somente à sociologia, mas às ciências sociais. O documento é organizado em três partes: por que ensinar Ciências Sociais; o que e como ensinar em Ciências Sociais e Competências e Habilidades a serem desenvolvidas. A primeira parte *por que ensinar Ciências Sociais?* Os PCNEM assim compreendem: trata-se de “introduzir o aluno nas principais questões conceituais e metodológicas das disciplinas de Sociologia, Antropologia e Política” (BRASIL, SEMTEC, 1999b, p. 71). Essas ciências se desenvolveram muito a partir dos séculos XVIII e XIX, com as profundas transformações nas questões sociais que esses séculos trouxeram.

Traduzindo a relação que existe entre o pensamento e organização social, sofrendo as influências particulares das sociedades em que viviam e da posição que dentro de cada sociedade assumiam, e dos pontos de partida filosóficos em que se fundava, os criadores da ciência da sociedade conseguiram lançar as bases de uma nova ciência na proporção em que refletiam, em suas obras, os problemas de seu tempo (BRASIL, SEMTEC, 1999b, pp. 71 72, apud COSTA PINTO, L. A, 1965).

Também é citado um pequeno texto de Florestan Fernandes, no qual o autor afirma:

Por isso, seria vão e improfícuo separar a Sociologia das condições histórico-sociais de existência, nas quais ela se tornou possível e necessária [...]. A Sociologia constitui um produto cultural das fermentações intelectuais provocadas pelas revoluções industriais e político-sociais que abalaram o mundo ocidental moderno (F.FERNANDES, 1960, apud BRASIL SEMTEC, 1999b, p. 72).

Indica-se Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim como os pensadores paradigmáticos do pensamento sociológico. No entanto, esses mesmos pensadores precisam ser lidos à luz da realidade atual para perceber até que ponto suas idéias servem para a *compreensão da complexidade do mundo atual*. Os eixos em torno dos quais a Sociologia vem se construindo está relacionado ao *indivíduo e à sociedade*. As influências da *ação individual* sobre os *processos sociais e vice-versa; manutenção da ordem e mudança social*.

Em termos de processo ensino-aprendizagem, a Sociologia contribui na problematização dos fenômenos sociais de várias maneiras: a existência das *coletividades humanas*, sua *interação; mecanismos* que interferem na *organização e estruturação dos quadros humanos*; como se processa a *mudança social*.

Os mentores dos PCNEM não esquecem de lembrar a Lei 9.394/96 que estabelece como uma das *finalidades centrais do Ensino Médio a construção da cidadania*, e a Sociologia tem um *papel importante* a desempenhar nessa questão da *construção da cidadania do educando*. “Tendo em vista que o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, logo permite instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social” (idem, p. 73). Com tudo isso, o “educando poderá construir uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno” (idem, p. 73). Arremata ainda o documento: “...poderá perceber-se como elemento ativo, dotado de força política e capacidade de transformar e, até mesmo, viabilizar, através do exercício pleno de sua cidadania, mudanças estruturais que apontem para um modelo de sociedade mais justo e solidário” (idem, p. 73).

Por fim, no item *o que e como ensinar em Ciências Sociais*, os PCNEM apresentam a categoria “cotidiano” como significativa para o ensino médio. A experiência cultural dos educandos deve se fazer presente nas aulas e ser considerada “tendo como objetivo elaborar modelos teóricos de explicação da realidade social” (idem, p. 83).

Apresentam-se na íntegra, as *competências e habilidades a serem desenvolvidas em Sociologia, Antropologia e Política*. Elas revelam as premissas ideológicas dos autores dos PCNEM concernentes à disciplina.

A- *Representação e Comunicação*: 1- identificar, analisar e comparar os diferentes discursos sobre a realidade: as explicações das Ciências Sociais, amparadas nos vários paradigmas teóricos, e as do senso comum; 2- produzir novos discursos sobre as diferentes realidades sociais, a partir das observações e reflexões realizadas.

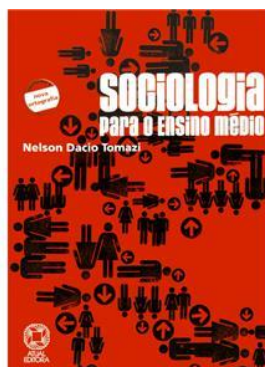
B- *Investigação e compreensão*: 1-construir instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana, ampliando a “visão de mundo” e o “horizonte de expectativas”, nas relações interpessoais com os vários grupos sociais; 2- construir uma visão mais crítica da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, avaliando o papel ideológico do “marketing” enquanto estratégia de persuasão do consumidor e do próprio leitor; 3- compreender e valorizar as diferentes manifestações culturais de etnias e segmentos sociais, agindo de modo a preservar o direito à diversidade, enquanto princípio estético, político e ético que supera conflitos e tensões do mundo atual.

C- *Contextualização sócio-cultural*: 1- compreender as transformações no *mundo do trabalho* e o novo perfil de qualificação exigida, gerados por mudanças na ordem econômica; 2- construir a identidade social e política, de modo a viabilizar o exercício da cidadania plena, no contexto do Estado de Direito, atuando para que haja, efetivamente, uma reciprocidade de direitos e deveres entre o poder público e o cidadão e também entre os diferentes grupos (BRASIL, SEMTEC, 1999b, p. 85).

Livro Didático, ou Polígrafo, ou manual de texto, é caracterizado assim, o material didático que vai auxiliar o professor em sala de aula assim como levar até os alunos diversas formas de atividades, textos e tudo o que for necessário para o ensino escolar. O que vamos abordar agora é os dois livros em análise o Livro Didático de Sociologia para o Ensino Médio e o Livro Didático da EJA (Ciências Humanas Ensino Médio), eles abordam a Sociologia para os alunos, neste trabalho queremos evidenciar o tema Cultura, onde percebemos uma grande diferença entre os livros, referente ao tema.

O Livro Didático do Ensino Médio (regular) do Autor: Nelson Dácio Tomazi - Editora Saraiva 2010. É um livro de 252 páginas, abordando 7 capítulos/unidades. Na Unidade 1 aborda: A sociedade dos indivíduos; Unidade 2

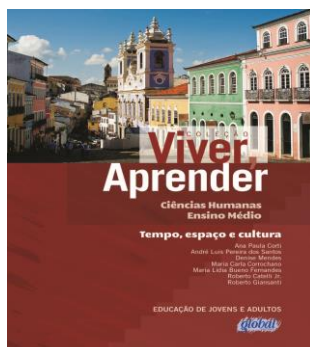
Trabalho e sociedade; Unidade 3 A estrutura social e as desigualdades; Unidade 4 Poder, política e Estado; Unidade 5 Direitos, cidadania e movimentos sociais; Unidade 6 Cultura e ideologia e a Unidade 7 Mudança e transformação social. A unidade 6 é a que nos interessa, pois trata-se de Cultura. Dentro desta unidade existem 3 capítulos e totalizam ao todo 31 páginas. É bem variado o modo como é abordado esse tema, aborda os conceitos, as tecnologias as características da nossa cultura, é bem diversificado de textos, mas não é rico em atividade, não percebo a interação de professor e aluno, com base em leituras, acredito ser importante que a cada texto visto que cada um trata de alguma forma sobre o tema que deveria se ter mais atividades onde o professor e aluno pudessem trocar suas ideias, claro que, o professor deverá aqui ter criatividade e fazer a atividade, mas deixando essa parte livre nem sempre se terá esta oportunidade de interação.



Já o livro da EJA, da Coleção Viver e Aprender Ciências Humanas e Ensino Médio, Tempo, espaço e cultura – Autores Ana Paula Corti, André Luis Pereira dos Santos, Denise Mendes, Maria Crla Corrochano, Maria Lidia Bueno Fernandes, Roberto Catelli Jr. E Roberto Giansanti – Global Editora, 2013, é um livro que possui os conteúdos a serem passados aos alunos das disciplinas referente a linguagens, ou seja, História, Geografia, Filosofia e Sociologia, ele é dividido em 3 etapas, onde a Etapa 1: Riquezas e Pobrezas, a disciplina de Sociologia tem dois capítulos, na Etapa 2: A Construção da Nação, a Sociologia tem um capítulo e aborda aqui a Cultura e tem 13 páginas apenas. A Etapa 3 aborda Cidadania e conflitos no mundo contemporâneo e a sociologia tem dois capítulos.

Aqui o que destaco é que o tema da etapa 2 onde a sociologia está incluída, apresenta 13 páginas, para se trabalhar com os alunos durante um semestre inteiro, lembrando que a etapa 2 refere-se a 2ª série do Ensino Médio para a EJA, me pergunto: Como um professor vai trabalhar o tema Cultura com seus alunos, durante um semestre inteiro com a proposta de apenas 13 páginas? O livro é bastante variado também, em

questões de texto, traz citações de autores importantes, tem atividade e sugestão de filmes também, mas trabalhar a Cultura em apenas 13 páginas para mim não traz um suporte muito bom aos professores, que aqui também terão de ter criatividade para ter ideias e buscar conceitos de mais autores, principalmente de Antropólogos que fazem a abordagem do tema Cultura muito bem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que destaco neste trabalho, é que a Sociologia, teve sua inserção na educação mas teve também obstáculos a serem vencidos, por um tempo ela foi extinta do currículo e retornou de forma obrigatória. Se você for buscar informações sobre os professores de Sociologia, a maioria não tem a formação de Sociologia e sim em História ou outra da área, isso se dá porque existe a liberação de um professor de formação de História ministrar a aula de Sociologia, outra questão que é bem delicada, pois nem sempre é abordada a Sociologia da forma que ela merecia, não desfazendo é claro da capacidade deste profissional, mas porque na Sociologia existem vários autores que abordam profundamente os temas da Sociologia e que uma formação de História não os possibilitou. Por isso a importância em minha opinião de, um professor lecionar em sala de aula, exatamente aquela disciplina em que possui formação, pois diante do material didático oferecido pelo governo, se ele precisar buscar mais materiais ou até mesmo criar algo em cima do que o livro didático proporciona para complementar a atividade em sala de aula, sendo de outro curso fique mais delicada a situação.

Por fim, acredito que os Livros Didáticos aqui apresentados, são muito importantes tanto para o professor como para o aluno, pois ambos embora cada um da sua forma, trazem abordagens referentes à Sociologia e principalmente ao tema Cultura, porém acredito que se um professor não tiver a ideia de buscar algo diferente ou algo para complementar o que é sugerido nos livros ou até mesmo este profissional tendo outra formação, fique mais delicada a inserção da Sociologia aos alunos, por isso a importância do Livro ser mais dinâmico, de fácil leitura aos alunos e que aborde de

alguma forma os temas propostos da Sociologia de forma que faça uma ligação de professor e aluno afinal:

Florestan Fernandes considerava a escola pública, laica, gratuita, universal e de boa qualidade como meio para reduzir as desigualdades sociais. Para ele, as ciências sociais deveriam contribuir para desvendar os mecanismos pelos quais nas sociedades capitalistas essas desigualdades se produzem e reproduzem. (FLORESTAN FERNANDES).

A importância que um professor traz ao aluno vai além de aprendizado, ele é o principal meio em que um aluno, seja este criança, adolescente ou adulto, tem na escola um exemplo de cidadão, de pessoa que por vezes não tem em casa. Por isso que o Livro Didático tem que ser um suporte ao professor que muitas vezes na sala de aula, precisa vencer obstáculos, como diferença que cada aluno traz dependendo da sua cultura, meio em que vive e outras desigualdades que infelizmente existem em nossa sociedade, nem sempre ainda mais nos dias de hoje onde a tecnologia está avançando cada vez mais, muitos jovens não querem ler e isto traz para a sala de aula uma dificuldade muito grande tanto para os alunos quanto para o professor.

PROPOSTA DE CAPÍTULO PARA O TEMA: CULTURA

CULTURA E EDUCAÇÃO



ANTROPOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

CULTURA

O que é cultura?

Quando ouvimos falar da cultura de um povo, o que realmente é entendido por cultura? Podemos facilitar para você este questionamento da seguinte forma: a cultura de um povo é o conjunto de saberes coletivos desse povo. E o que são saberes de um povo?

Um exemplo, são os índios kaapor, todos os homens, a partir de uma certa idade, sabem construir seus próprios arcos e flechas. Não é pouco conhecimento, pelo

contrário, para fazer estes arcos e flechas, é preciso conhecer muitas coisas e dominar um conjunto de técnicas bastantes sofisticadas: saber andar no mato, saber distinguir as árvores certas que fornecem madeira para o arco e outras para flecha, saber confeccionar a ponta da flecha com ossos ou pedras apropriadas, saber encontrar fibra adequada e confeccionar a corda para manter o arco retesado, saber confeccionar o “rabo” da flecha com penas de aves dando-lhe a forma de hélices engatadas para dar aerodinâmica e exatidão à fechas e muitos procedimentos.

Como esse é um saber compartilhado por vários indivíduos da aldeia, dizemos que se trata de um **saber coletivo** daqueles índios. Existe outros saberes coletivos que são compartilhados por praticamente todos os indivíduos de um grupo. Por exemplo, numa aldeia indígena todos dominam a língua nativa daquele povo.



Fonte imagem: site Alessandra Faria.

Saber coletivo

Não é difícil encontrar naquilo que caracteriza as culturas regionais do Brasil os seus saberes coletivos mais conhecidos. A culinária, o artesanato, o comportamento, o sotaque, as religiões locais, a música, a dança, as festas, tudo isso pode ser mais bem compreendido quando consideramos que cada uma dessas “artes” representa um saber coletivo, um conhecimento compartilhado, enfim, algo a ser, antes de tudo, conhecido, apreciado e festejado.

Agora vamos pensar na população de uma grande cidade brasileira. Um saber coletivo dessa população é, por exemplo, saber andar de ônibus pela cidade, o que implica também saber andar a pé pelas ruas da cidade. Pode parecer óbvio saber pegar um ônibus, mas um índio arrancado da floresta e colocado subitamente numa cidade grande poderá estranhar tudo e se dar mal por não dominar uma série de normas e códigos urbanos. Assim como alguém “arrancado” da cidade que seja “lançado” no meio da floresta também terá poucas chances de sobreviver. Mas os saberes coletivos vão além de fabricar arco e flecha ou de saber pegar um ônibus na cidade, aqui nós citamos apenas esses exemplos para um melhor entendimento desse saber coletivo. Envolvem modos comuns de pensar, sentir e agir que seguem modelos (mutáveis) para ávida em sociedade. Valores morais ou códigos de conduta de uma sociedade, por exemplo, são saberes coletivos que permitem a convivência dos indivíduos numa comunidade e, por isso, também, a sobrevivência daquela sociedade.

Assim, uma coisa importante de se saber é que **normas e valores** de um povo também são saberes coletivos desse povo e costumam ser importantes para a sobrevivência dos seus indivíduos.

Tendo essa abordagem da noção de cultura podemos dizer, por exemplo, que a cultura brasileira é o conjunto de saberes coletivos dos brasileiros. Mesmo que haja grandes diferenças culturais entre brasileiros que morem na roça ou na cidade, morem na Amazônia ou no sul do país, todos nós compartilhamos alguns saberes coletivos comuns. A começar pela língua, o português muito característico do Brasil, cheio de expressões de origens africana e indígena. A grande maioria de nós também compartilha de saberes relativos à música popular e ao futebol do Brasil. Outro dado relevante, hoje, é o compartilhamento quase universal da programação das rádios, televisões brasileiras e claro a internet (nas redes sociais).

Existem, é claro, identidades distintas entre, por exemplo, baianos e gaúchos. Essas identidades são forjadas justamente pela cultura do grupo social de cada um. Até a maneira de falar de cada grupo social ou regional é distinta. Pois essas diferenças é que conferem identidade a esses grupos sociais ou a essas regiões do país. Nesse contexto, as noções de identidade e de cultura são praticamente idênticas. De maneira semelhante, vemos que há uma ligação muito forte entre os conceitos de cultura e de sociedade.

Muitas vezes, pode-se trocar a expressão sociedade brasileira por cultura brasileira e vice-versa – mas nem sempre. Quando falamos em cultura estamos sempre focando uma identidade coletiva; quando falamos em sociedade estamos focando, em geral, as relações entre segmentos ou grupos sociais diferentes e como eles interagem entre si. De resto, perguntar o que “nasceu” primeiro, a organização social ou a cultura de um povo, seria o mesmo que perguntar o que surgiu primeiro: o ovo ou a galinha.

Tambor de crioula do Maranhão, reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.



“O Tambor de Crioula é uma dança de origem africana praticada por descendentes de escravos africanos no estado brasileiro do Maranhão, em O Tambor de Crioula é uma dança de origem africana praticada por descendentes de escravos africanos no estado brasileiro do Maranhão, em louvor a São Benedito, um dos santos mais populares entre os negros. É uma dança alegre,

marcada por muito movimento dos brincantes e muita descontração. louvor a São Benedito, um dos santos mais populares entre os negros. É uma dança alegre, marcada por muito movimento dos brincantes e muita descontração.” Imagem e texto retirados da internet – site: boiunidosdesantafe.

“A LINGUAGEM ESTÁ TÃO INTIMAMENTE VINCULADA À CULTURA QUE CADA NOVO ACRÉSCIMO À HERANÇA CULTURAL DE UM GRUPO SOCIAL ENVOLVE MUDANÇAS E ACRÉSCIMOS NA SUA LINGUAGEM.”

HORTON, Paul B.; HUNT, Chester L. Sociologia. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1980.

É HORA DA ATIVIDADE!

*Vamos ler o texto com atenção e responder as seguintes questões:

- 1) O que é saber coletivo? Explique.
- 2) Faça um pequeno texto sobre o que você entendeu da leitura do texto sobre cultura.

Qual o conceito de Cultura para Brandão?



Carlos Rodrigues Brandão

É licenciado em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965); mestre em antropologia pela Universidade de Brasília (1974). doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (1980); livre docente pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. É "fellow" do St. Edmund's College da Universidade de Cambridge. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Possui experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação. É Comendador do Mérito Científico pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, doutor honoris causa pela Universidade Federal de Goiás, professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia e professor emérito pela Universidade Estadual de Campinas. Escreveu artigos e livros nas áreas de antropologia, educação e literatura.

O MUNDO QUE CRIAMOS... O autor se coloca inicialmente como um ser da natureza, mas que se diferencia dos demais animais pelo fato de possuir a capacidade de pensar e com isso ser um sujeito da cultura (p.16) Com isso Brandão nos remete ao conceito inicial de cultura, oriundo do pensamento científico de Immanuel Kant, séc. XVIII, que estabelece uma diferença essencial entre o homem e a natureza: o fato do homem pensar, possuir a razão, agindo por escolha, de acordo com valores e fins. Como pensa, o homem desenvolve memória e história, e com isso um conceito universal de cultura, porém que, segundo Brandão, não é aceito por todos porque não contempla as diferentes linguagens e "gramáticas" do mundo (p.17). O autor encaminha a discussão perpassando pela capacidade de simbolização do ser humano, que se desenvolve além da consciência reflexa, compartilhada com alguns animais, para a consciência reflexiva, que estabelece a noção do "eu" e a compreensão simbólica do mundo.

Brandão também comenta sobre a necessidade de sobrevivência do homem que cria mecanismos para se adaptar aos desafios da natureza. Com isso o homem desenvolve meios de sobrevivência, bens de uso e bens de troca, dentro de um cenário de interações. Tais homens atuam como indivíduos, sujeitos do mundo da cultura, pessoas que, segundo o autor, são agentes culturais e atores sociais, convivendo em cenários da cultura (p.20-21).

Num segundo momento o autor apresenta a primeira definição de cultura: Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e recriamos como os objetos e os utensílios da vida social, representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de: cultura (p.22).

PARA APRENDER A VIVER... Neste tópico o autor desenvolve o conceito de cultura como ação definida dentro do tecido social. "A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social" (p.24). A educação é apresentada como uma dimensão onde o indivíduo se desenvolve como sujeito de ação e de identidade. Brandão cita pela segunda vez Claude Lévi-Strauss, referindo-se a atribuição fundadora da condição humana, do "ser moral" para o "ser da Vida" (p.25). A educação é apresentada como meio fundamental para o desenvolvimento do ser cultural. Segundo o autor: Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e

transformados. Aprender é participar de vivências culturais(...) PENSAR O SABER, PENSAR O PODER. Nesse item a proposta do autor é iniciar uma reflexão sobre o lugar e o sentido da cultura e como o trabalho dos educadores influencia o processo da formação do conhecimento (p. 103). O significado da cultura passou, segundo o autor, a ser repensado a partir da crítica do sentido político da educação, da própria cultura e do domínio do saber. Os processos culturais de reprodução do saber tornaram-se um instrumento de realização de poder, a serviço de uma classe dominante (p. 104). O conceito de cultura, nessa discussão, é apresentado como um processo resultante, um substrato de situações de enfrentamento e de autonomia em relação a esse domínio cultural (p. 105). A ideia de cultura popular, a partir de 1960, surgiu motivada pela militância de grupos que visavam um "trabalho junto ao povo" (p.106). O trabalho das práticas participativas, desenvolvido a partir de "movimentos de cultura popular", por um lado corresponderam a urgência da ação, mas por outro, provocaram uma "reificação" danosa dos processos sociais de reprodução e transformação da cultura, refletindo uma "ideologia da participação"(p. 106-107). A CULTURA COMO SÍMBOLO Neste tópico o autor disserta sobre os diferentes teóricos, que contribuíram com ideias e compreensões a respeito da cultura. Cita Pierre Bourdieu, Kant, Marx e Weber entre outros. O que é possível extrair como contribuição significativa para a formulação do conceito de cultura, no presente trabalho, consiste em como a ideia de cultura foi difundida. Segundo o autor, o sentido da cultura na questão do poder é resultante de relações determinadas pela desigualdade e o arbítrio, traduzido por ideias, valores e símbolos da cultura que ocultam a força do próprio arbítrio, servindo à legitimidade da ordem social (p.108). O autor comenta sobre a dimensão de poder na educação, que através de uma percepção crítica da dinâmica cultural, consiste a base de projetos dos primeiros movimentos de cultura popular, através da cultura como um processo político e ideológico de transformação (p.109). Brandão apresenta a ideia de cultura, numa dimensão cognitiva, como "saber e sentido, que anos mais tarde vai ser percebida como modos, mais do que como modelos, e como um complexo de relações de significação (...)". Com isso a ideia de que a cultura são culturas, define sua pré-qualificação ideológica (p.111). Ainda na mesma linha de raciocínio, o autor cita Marilena Chauí e comenta sobre a oposição não explicada antropológicamente entre "cultura do povo" e "cultura de elite", que encobre um modelo de cultura produzido socialmente, que tende a instituir e legitimar as

diferenças entre uma educação dita "popular" e uma cultura dominante, "de elite" (p.113-114). A ideia de cultura é apresentada por Brandão, a partir da noção de cultura popular e da ideia de culturas, desvendando a sua dimensão simbólica, propondo a sua definição dentro de uma esfera de realização das relações sociais. A ideia da cultura como produto feito é questionada, pois nessa dimensão, segundo o autor, cristaliza como produto acabado, material ou simbólico, o resultado do trabalho ou das diferentes relações entre os homens (p.118). O autor apresenta uma conclusão no final deste tópico, que consiste na noção de cultura como significado que dá sentido à ação e a torna possível. Segundo o autor: "A cultura não é produzida como uma superestrutura, para estar em uma região única da sociedade, (...) é tão múltipla e dinâmica quanto o são as inúmeras possibilidades de trocas entre os homens e a natureza(...)" (p.120).

ENTRETO: SAHLINS PARA EDUCADORES Neste tópico o autor cita Marshall Sahlins, trazendo elementos para a compreensão da cultura e de suas relações com o trabalho do educador e do cientista pesquisador. O autor apresenta duas ideias fundamentais para o entendimento do que não pode ser a cultura, no universo das relações sociais: a primeira é que a cultura não é gerada e nem se explica como um produto, do mesmo modo que ela não obedece a qualquer lógica prática de ação humana ou relação social determinante; a segunda é que a cultura não é uma dimensão abstrata que significa a natureza. Segundo o autor: Ao contrário, ela é o sistema concreto que torna humanamente impossível a natureza ser apreendida como valor e transformada, através de processos sociais, em produtos de cultura que distribuem em esferas diversas as diferentes instâncias simbólicas de realização da vida social: a economia, o sistema de parentesco, a organização do poder, a arte e a ciência, a educação (p.123).

O SÍMBOLO COMO PODER Neste tópico o autor comenta o sentido da produção de conhecimento, que oscila entre a construção teórica passível de generalizações e da reificação científica do social, que a prática do sociólogo e do pesquisador muitas vezes quer transformar em "modelo", refletindo a mesma ingenuidade militante dos grupos de "trabalho popular" (p.126). A pesquisa participante tem uma atitude crítica sobre si mesma, criando projetos de pesquisa de conhecimento da realidade cultural, através de reduções reificadoras do trabalho político, que se revelam através da ciência e seu saber (p. 130-131).

É HORA DA ATIVIDADE!

- 1) Você aprendeu um pouco mais sobre cultura no texto de Carlos Rodrigues Brandão, agora é a vez de debater em sala de aula, o seu entendimento sobre o texto. Em grupos cada um fará um resumo e após debater com todos da sala.

O QUE É EDUCAÇÃO?

A educação é, o socializar entre as gerações, ou seja, a educação tem tudo a ver com socialização. Durkheim aborda a respeito de educação no seguinte fragmento:

“A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as novas gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine.”DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. SP: Edições Melhoramentos, 1967 p. 41.

A definição de Durkheim sobre educação como processo socializador é realizada pelas velhas gerações com objetivo de ensinar as novas gerações, é um processo realizado pelos pais, familiares e professores, ela não é exclusivamente papel da escola. Ela tem um propósito o de transmitir valores, pensamentos e ação, ensina algo que todos os indivíduos precisam aprender e algo determinado. Existem jovens que precisam trabalhar então estes precisam ser socializados e há jovens de classes médias altas que serão socializados para ingressar na universidade e depois trabalhar.

Sabemos que a escola, desenvolve um papel muito importante na sociedade e o professor é a principal referência de um aluno (a), pois é através dele que a criança/jovem, aprende para que conviva melhor em sociedade, seja através de fórmulas para cálculos, seja através de regras do modo de escrita, mas principalmente aprende a conviver a socializar. O que também sabemos é que, a realidade de nossas crianças e jovens é muito diferente em cada canto do nosso país e que ensinar hoje em dia também ficou mais complicado, com o avanço das tecnologias um professor precisa se adaptar ao modo de ensino e principalmente a

lutar contra esse tipo de meio que por vezes acaba desviando a concentração de um aluno na sala de aula. Agora imagine você, que está aí na sala de aula, tendo a oportunidade de estudar, tendo uma escola bem estruturada que lhe oferece meios para o aprender, enquanto existem muitas crianças e jovens nesse momento que não podem estar na escola porque precisam trabalhar para ajudar no sustento da família ou até mesmo porque faltou o professor e foi dispensado para casa. Veja como é importante darmos valor a educação que temos, este livro que você pode ler, tem muitos que dariam tudo só pelo simples prazer em saber ler.

Embora muitas escolas não possuam uma estrutura adequada, para alunos e professores o que devemos é enquanto temos a oportunidade de aprender na escola, é despertar, para algo novo, leia, estude, pesquise, fale com seu professor sobre a importância de aprender o novo, de aprender o que está lhe sendo mostrado, você vai se encantar com o que a Sociologia pode lhe mostrar, a sociedade em que vivemos é variada em muitas formas e a cultura e educação tem pra você um estudo muito bom e lhe mostrar diversos tipos de cultura, o mais importante é respeitar o outro, cada um de nós temos uma crença, algo em que acreditamos fazer parte de nós, por isso devemos ter educação para que consigamos viver em sociedade, viver com todos para que se consiga um mundo melhor.

É HORA DE FILME!

Vamos assistir um documentário: *PRO DIA NASCER FELIZ*. Ele aborda a escola brasileira e principalmente, a visão dos jovens que nela estudam, abarcando uma diversidade econômica, cultural e regional, retratando jovens ricos e pobres, de escolas públicas e particulares, do Sudeste e do Nordeste. Mostra as tensões do processo de escolarização atual que envolve violência, descaso das autoridades públicas, medos e esperanças. Foram ouvidos alunos de escolas da periferia de Pernambuco, do Rio de Janeiro e de São Paulo, bem como alunos de escolas particulares de elite.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aHLCX8SYaeM>

É HORA DA ATIVIDADE! Escreva abaixo um pequeno texto – resumo, do seu entendimento sobre o filme. Conte o que gostou o que não gostou no filme. Faça uma comparação com o seu colégio, alguma cena do filme lembra seu colégio? Se sim tente descrever a cena do filme com o que acontece no seu colégio. Que tipo de atividade você gostaria que tivesse no seu colégio?

Agora que você conheceu um pouco mais sobre cultura, no final deste capítulo em grupos farão um trabalho expositivo, com cartazes, apresentem na sala de aula de forma que sejam apresentados temas que vocês mais gostaram, cada grupo escolhe um tema. Vocês podem pesquisar em revistas, jornais e até na internet para complementar seu trabalho. Então vamos lá, façam um ótimo trabalho.

SUGESTÕES DE LIVROS:

- CULTURA: UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO – LARAIA, Roque de Barros. Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ESMERALDA POR QUE NÃO DANCEI – ORTIZ, Esmeralda de Carmo. Esmeralda: por que não dancei. 3.ed. São Paulo: Senac, 2001.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Rodrigues, Carlos. A CULTURA COMO EDUCAÇÃO. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

COAN, Marival, A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO, O MATERIAL DIDÁTICO E A CATEGORIA TRABALHO, Florianópolis / SC, 2006.

CURTO, Mendes Cibele dos Santos, O LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL: AS ESCOLHAS DO PROFESSOR, Curitiba / PR 2007.

DURKHEIM, Émile. EDUCAÇÃO E SOCIOLOGIA. São Paulo: Edições Melhoramentos.

LIMA, Maria Batista, Identidade Étnico/Racial no Brasil: Uma Reflexão Teórica- Metodológica.

Tambor de crioula. Disponível em: <http://boiunidosdesantafe.yolasite.com/tambor-de-crioula>.

